

**A HERANÇA SÓCIO-LINGUÍSTICA-CULTURAL DOS  
AÇORIANOS PRESENTE NO LÉXICO CONSERVADOR DE  
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA, LITORAL DE SANTA  
CATARINA - BRASIL**

MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO

Doutoranda em Semiótica e Linguística geral.

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - FFLCH

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo; Mestre em Linguística.

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - FFLCH

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

**Resumo**

Segundo Soares (1979), o falar ilhéu de Santa Catarina tem o som cantado português que sonoriza melodiosamente com o vocábulo como no Minho, no Douro, Trás-os-Montes e, de modo particular, nos Açores. O nativo ilhéu ainda usa, em pleno curso, e com significado original, palavras lusitanas do século XVI, que podem, aos de fora, parecer estranhas e inusitadas.

Instigado por essa afirmação, esse trabalho de pesquisa traz como objetivo uma breve descrição do falar conservador dos habitantes das comunidades do distrito de Santo Antônio de Lisboa.

Desenvolveu-se como um tradicional vilarejo de pescadores e ainda hoje preserva as tradições e costumes dos imigrantes provindos dos Açores aí radicados, graças ao isolamento em que viveu nos últimos tempos. Essa preservação pode ser vista na apresentação de festas religiosas, de danças folclóricas, como a dança do boi-de-mamão e, na herança linguística, percebida no vocabulário e no modo de falar de seus habitantes.

O tema desse trabalho justifica-se pela urgência em registrar os fatos linguísticos antes de ocorrer por completo o nivelamento da linguagem, tendo em vista os padrões urbanos que se tornam atração constante, principalmente entre os jovens. Esse registro trata a língua como veículo de comunicação, informação e expressão de uma cultura que por ali se firmou, refletindo as características culturais de um povo, reconhecido pela sua identidade, confirmando que fatos linguísticos se permeiam com fatos históricos.

**Palavras-chave:** fatos linguísticos, veículo de comunicação, herança lexical

### **Abstract**

*According to Soares (1979), the native language of Santa Catarina has the sound of sung Portuguese which melodically sounds like the words of Minho, in the Douro, Trás-os-Montes and, in a particular way, like in Azores. The native islander still uses, in full course, and with original meaning, Lusitanian words of century XVI, which can seem strange and unusual to outsiders.*

*Instigated by this statement, this research carries as objective a brief description of the inhabitant's conservative speech of the communities of the district of Saint Antonio in Lisbon.*

*It was developed as a traditional fishing village and still today it preserves the traditions and customs of the immigrants come from the Azores settled there, thanks to the isolation where it lived in the recent times. This preservation can be seen in the presentation of religious parties, folklorists' dances, as the dance of the boi-de-mamão and, in the linguistic inheritance, perceived in the vocabulary and in the way of speaking of its inhabitants.*

*The subject of this work is justified by the urgency in registering the linguistic facts before completely occurring the leveling of the language, in view of the urban standards which if become constant attraction, mainly among the youth. This register deals with the language as communication information and expression vehicle, of a culture which that way was firmed, reflecting the cultural characteristics of a people, recognized for its identity, confirming that linguistic facts interact with historical facts.*

**Key words:** linguistics facts, vehicle of communication, lexical inheritance

### **Introdução**

Vilela (1994:6) afirma que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais,

descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na coincidência dos falantes duma comunidade.

Reitera-se que a natureza dos estudos de base lexical, por sua natureza básica, seja a de estabelecer, organizar e veicular os signos na relação do homem com o mundo que o rodeia, e assim, instrumentam um maior e melhor conhecimento da língua falada, ao mesmo tempo em que nos propiciam o reconhecimento das diferenças culturais que compõem a realidade de um mesmo país.

Segundo Houaiss (1991), as línguas são fatos sociais, históricos e culturais, naturais e históricos e se registram como tal. Contribuem para formação da identidade cultural de povos e de nações integrando-se e interagindo conhecimento de mundo, dentro do que é dado como unidade e diversidade – espaço aberto para produção e registro de um saber.

Toda língua, seja qual for a sua natureza, passa a veicular situações de uso, refletindo as características culturais de um povo, reconhecido pela sua identidade e pela possibilidade de se definir no contexto mundial. A palavra torna-se fonte de produção de conhecimento. Abre-se para a descrição e definição das relações da língua no eixo da interação comunicativa. Revela o modo de ser do grupo que dela se utiliza, reconduzindo o universo social e político de sua história. Marca, em conseqüência, o jeito de pensar o mundo.

O tema deste trabalho de pesquisa justifica-se por diversas razões. Primeiro, porque é comum acontecer o desaparecimento gradativo dos falares regionais. Depois, e em conseqüência disso, ocorre a aceleração do processo de nivelamento da linguagem, tendo em vista os padrões urbanos que se tornam atração constante, exercida pela cidade grande. Também se torna urgente resgatar a cultura açoriana que ainda subjaz nessas localidades, pois conhecendo a sua formação histórica e cultural, os habitantes poderão rever a própria realidade, no sentido de aprender a amá-la e valorizá-la, descobrindo-se nela e por ela.

Silva Neto (1957) diz:

Que se fiquem os manuscritos, não importa; o que, sim, importa, é salvar o que daqui a pouco já não poderá salvar-se. As tradições regionais são testemunhos da história de um país, que devem respeitar-se como qualquer documento histórico de valor. Daí a necessidade e, mais do que isso, a urgência da recolha dos traços culturais que são, a bem dizer, o retrato de um povo, a sua personalidade coletiva.

## **A natureza social da linguagem**

As pesquisas lingüísticas contemporâneas demonstram que a variação é um fato explicável a partir da natureza da comunicação humana e, de forma concreta, a partir da natureza variável das circunstâncias que cercam o fato lingüístico.

Em diferentes países, de uma forma geral, houve um momento em que os estudos lingüísticos privilegiaram os fatos da língua em relação ao sistema lingüístico, em unidisciplinaridade. Mais tarde, verificou-se que os estudos da linguagem e das línguas exigiam interdisciplinaridade e, muitas vezes, multi e transdisciplinaridade. Dessa forma, os lingüistas que privilegiam os fatos sociais em seus estudos passam a diferenciar os fatos da língua em relação a seu sistema, desses mesmos fatos em relação à sociedade, abrindo espaço para os estudos sociolingüísticos; o mesmo ocorre com a relação língua e cultura, para os estudos etnolingüísticos.

A variação lingüística está inscrita nos usos que são feitos da língua e por princípios de constâncias, em que, dentre todas as variedades, uma das mais conhecidas é a variedade geográfica. Os estudos dialetais realizados demonstraram que os usuários de um dialeto podem representar, por diversas razões, um subconjunto de povoação com características sociais específicas dentro da comunidade global.

Nesse sentido, afirma-se que a principal função da língua é permitir a comunicação em sociedade, considerando que tanto a língua quanto a sociedade são estruturas que mantêm relação entre si, sem haver uma simples recopilação de unidades. Assim, demonstra a sistemática covariação entre a estrutura lingüística e as relações interpessoais e assume a existência de uma variedade

lingüística social para essas comunidades que vivem na região estudada. Para tanto, apresenta essas variações do ponto de vista geográfico, étnico e histórico.

É reconstruindo a história sobre as localidades pesquisadas que se busca mostrar uma variedade social, como um subdialeto dessa região.

### **O povoamento açoriano no Sul do Brasil**

Para que se possa entender a herança sócio-lingüística-cultural deixada pelo povo açoriano na formação da sociedade brasileira, é preciso conhecer um pouco desta história.

A história da região de Santo Antônio, anterior à ocupação de origem européia, não deixou resquícios escritos nem na memória, pois os sambaquis da região ainda não foram estudados de modo a nos oferecer dados concretos de como viviam os primeiros habitantes desta terra.

O nome da localidade foi dado em homenagem a Santo Antônio de Lisboa, também chamado de Coimbra ou de Pádua, mas também foi conhecida como Rerituba, devido à abundância de ostras na região.

Sabe-se que, ao primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, Brigadeiro José da Silva Paes, coube a missão de fortificar pontos estratégicos do litoral para garantir a posse do território reclamado pelas coroas de Espanha e Portugal e, segundo o relato de Fortes (1932:21), o governador enviou a Portugal o seguinte pedido: “ao seu rei que mandasse vir do Arquipélago Açoriano alguns casais de Ilhéus daquela gente inigualável para a missão de radicar nas terras novas a consciência lídimamente portuguesa que elas exigiam”. Ou seja, precisava com isso, não só uma medida para o assentamento de um povo, mas também de uma delimitação de fronteira no sul do Brasil. Fortes (1932) afirma ainda que foi “um concerto de circunstâncias felizes”, pois, com a emigração, o governo português solucionava o problema econômico dos Açores, povoava “rapidamente e com eficiência de número, as terras onde urgente se tornava a fixação de seu domínio” e também fazia a “felicidade dos povos que se ia criar e incrementar”. Para isso foram selecionados colonizadores “pelos seus antecedentes morais e étnicos”.

Em 1746, a Provisão Régia abre o alistamento nas Ilhas e oferece vantagens aos açorianos que desejassem migrar para o litoral meridional do Brasil. Entre 1748 e 1756, os imigrantes espalharam-se pelo litoral catarinense, estabelecendo-se principalmente na Ilha de Santa Catarina. Na tabela 1, apresentaremos, segundo historiadores, um quadro comparativo entre os números de açorianos chegados a Santa Catarina.

**Tabela 1:** Quantidade de açorianos migrados para Santa Catarina segundo os autores

<b>Autor</b>	<b>Quantidade de transportados</b>
BRITO (1829)	2.627
ALMEIDA COELHO (1877)	4.024
MATTOS (1917)	4.021
FORTES (1932)	5.545
BOITEUX (1953)	4.893
CABRAL (1950)	4.525
PIAZZA (1992)	6.000

Fonte: FERREIRA, S. L. (2006)

Percebe-se que os números variam muito de um autor para outro. Mais tarde, admite-se que os números que mais se aproximavam da realidade eram os coletados por Piazza (1992) em fontes primárias nos arquivos açorianos.

### **Localização do Distrito de Santo Antônio de Lisboa**

Localizada na porção centro-noroeste foi a primeira freguesia da Ilha de Santa Catarina. A área do Distrito de Santo Antônio de Lisboa é de 22,45 km<sup>2</sup>.

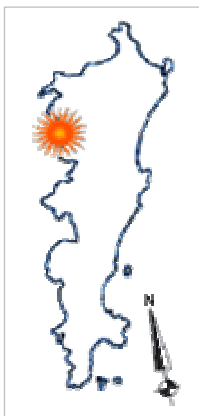
A sede deste Distrito está situada na parte oriental, sendo que dele fazem parte às localidades de Cacupé, Sambaqui, Barra do Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa. A população é de 5.367 habitantes e a densidade demográfica é de 239,1 habitantes/ Km<sup>2</sup>.

Destacava-se das demais por ter porto próprio, estrategicamente situado, favorecendo com isso o comércio entre o norte da ilha e o porto de Desterro. O traçado urbano seguiu o modelo das vilas portuguesas, construídas a partir de uma ou duas

ruas principais paralelas ao mar e, entre si, algumas transversais, com uma praça central ladeada pela igreja, pela cadeia e pela intendência.



**Figura 1:** Recorte Geográfico  
**Fonte:** FERREIRA, S, L. (2006)



**Figura 2:** Localização do Distrito de Santo Antônio de Lisboa na cidade de Florianópolis.

**Fonte:** FERREIRA, S, L. (2006)

## O falar do Manezinho da Ilha

Ao iniciar esse registro no vilarejo de pescadores nota-se que, o homem do litoral, dentro de seu espaço físico, possui um linguajar singular à região. Graças ao isolamento que sofreu, este lugar é repleto de elementos passíveis de serem submetidos a análises, tanto de caráter semântico-lexical como também sociolingüísticos. Ele recebe o nome de “manezinho da Ilha” e, segundo Cascaes (1981), atualmente, na região florianopolitana, a palavra *manezinho* veicula mais de um sentido. Estes sentidos variam, naturalmente, de acordo com a relação do indivíduo com a sociedade e com a história. Nos meios em que circulam indivíduos nascidos e criados na Ilha, o uso da palavra ainda se reveste de uma forte carga pejorativa. Porém, o mesmo indivíduo, em contato com pessoas julgadas estrangeiras ao local, pode eventualmente dizer: *Sou Manezinho*, para explicitar suas origens e sua ligação com o meio.

Afirma ainda que “*No interior da Ilha, o termo ainda pode ser tomado como ofensivo, quando empregado no seio destas comunidades*”.

Para este trabalho de pesquisa, fizemos um estudo com quatro lexias de alta frequência que determinam a norma da região. Ao estudar o léxico, estaremos nos referindo ao conjunto de *leituras* (*sememas*) em que se estrutura o espaço conceitual da língua. Neste estudo, a língua é vista como um instrumento de expressão cultural e de intercomunicação social. Toda alteração semântica é considerada fruto das mudanças históricas e sócio-culturais que atuam numa comunidade e ainda, das influências que essas mudanças exercem sobre as características funcionais de um dado sistema lingüístico.

## ARENKA

De acordo com Guérios (1979), significava, outrora, “fala, discurso, conferência”, e porque, frequentemente, se abusa do auditório, **arenka** passou a significar “discurso fastidioso, difuso”, isto é, passou a ter sentido pejorativo.

O vocábulo provém do gótico *harihringn* (com haplogia), “reunião (*hrings*) do exército (*hari*)” para discutir assuntos militares. Passou, depois, a significar tão-só “reunião” e daí “conferência, alocação, discurso” e foi muito usado no âmbito jurídico.



Morais (1922), registra no seu dicionário a frase feita “ter arengas com alguém”, isto é, “ter longas razões com alguém”, “discutir demoradamente”. Diz ainda que **arenga** veio também a ser “fala ou conversa ininteligível”.

Em regiões de Portugal, **arenga** → trabalho enfadonho.

Brasil→ mexerico, intriga, enredo.

De **arenga** se fez **arengar** → discursar, arrazoar.

De **arenga** + **-ada**, se fez **arengada**, que no Brasil segundo Ferreira (2001), quer dizer conversa longa, fastidiosa, lengalenga.

Na fala coloquial do Brasil, **arengar** significa também ato de implicar, criar confusão com outra pessoa.

Exemplos:

**“-Toin deixe de arengar com seu irmão!”**

**”-Não suporte os meninos da minha sala, eles gostam de arengar”.**

Brasil→ **Lula orienta PT a não trepidar com arenga golpista contra Renan**

<http://rizzolot.wordpress.com/2007/06/29/lula-orienta-pt-a-nao-trepidar-com-arenga-golpista-contra-renan/>

Portugal→ **Arenga sobre Hinos (e até sobre a Europa)**

<http://ma-schamba.com/sociedade-portuguesa/arenga-sobre-hinos-e-ate-sobre-a-europa/>

## **CORRICAR**

Formado pelo radical de **correr** + **-icar**, este verbo significa “correr a passo miúdo; andar ligeiro”. De acordo com Guérios (1979), trata-se ou de formação vernácula como diminutivo de **correr** ou de um latim vulgar *curriccare*, com sufixo *-icare* (com *-i-* longo e geminação expressiva). O mesmo sufixo, mas com o *-i-* breve sem geminação expressiva, acha-se em *excurriccare*, donde surgiu o português **escorregar**.

Em regiões de Portugal → andar muito apressadamente, mas sem chegar a correr;

No Brasil → andar de um lado para outro, perambular, vagabundear.

Temos, ainda, formado por **corrico** + -ar → **pescar de corrico**, em que , segundo Ferreira (1986), **corrico** é uma modalidade de pescaria de anzol que consiste em o pescador imprimir à canoa a máxima velocidade, deixando a linha estendida à tona da água para que o peixe seja atraído pelos saltos da isca e venha prender-se ao anzol; pescaria de **corrico**. Possui a variação **corripo**. Exemplos:

Portugal → **CORRICO DIURNO**

**As amostras de corrico nocturno poderão ser aplicadas durante o dia, enquanto que estas amostras que a seguir se apresentam, não se aplicam para a pesca nocturna.**

[http://www.efsaportugal.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=27&Itemid=30](http://www.efsaportugal.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=27&Itemid=30)

**O corrico na Foz do Arelho (e noutras rias, estuários e lagoas deste nosso Portugal) é uma pesca adequada a quem gosta de estar “dentro” do mar, sentir a ondulação por vezes até ao peito, andar à procura do peixe e atravessar para bancos de areia isolados onde o homem se envolve com a natureza de forma apaixonante.**

<http://pesca.do.sapo.pt/artigos/corrico.htm>

Brasil → **Corrico próximo à costa, velocidade, distância das iscas, dicas em geral.**

<http://www.propesca.com.br/forum/viewtopic.php?p=6246&sid=53a7c7134053c7a4672b34aa532662a>

## **DEFENDER**

Significa “Preservar, proteger”, e possui também o sentido de “proibir”, mormente na linguagem arcaica.

Segundo Guérios (1979), o sentido de “proibir” é anterior ao de “proteger”, visto como o significado primitivo do latim *defendere* era “afastar, repelir, rechazar”, donde “proibir”. Provém do latim:

*defendere bellum* → **repelir** a guerra;

*defendere vim* → **evitar** a força;

*defendere frigus* → **livrar** do frio

Os verbos **repelir** ou **evitar** ou o **livrar** trazem, como consequência, a idéia de **proteger**, pois há uma semelhança por mudança de função e essa transferência possui, para a semântica, um caráter mais objetivo que as baseadas em semelhança de efeito perceptivo ou emotivo.

Dessa forma, *defendere* passou a ter também o sentido de “proteger”. Mas, no português arcaico era muito comum o uso no sentido de “proibir”, conforme aparece em Gil Vicente, no Auto da História de Deus (1527):

**“Fructa da arvore sancta per Deus defendida”.**

Este sentido, ainda vige em **defeso** → **proibido**

Brasil → **“O Ibama do Pará definiu os três períodos de defeso do caranguejo-uçá em 2008”.**

<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/news/article.php?storyid=1481>

Portugal → **“Começa na baliza, passa pela defesa e meio-campo e termina na linha avançada. ... e o defeso promete ser intenso para os principais craques portugueses.” ...**

[http://www.dn.sapo.pt/2007/06/02/dnsport/selecao\\_portuguesa\\_cobricada\\_meia\\_eu.html](http://www.dn.sapo.pt/2007/06/02/dnsport/selecao_portuguesa_cobricada_meia_eu.html) - 43k

E ainda:

**Armas defesas** → armas proibidas;

**Lugar defeso** → lugar proibido.

**É defeso** → Nos termos e nas expressões jurídicas, esta expressão aparece em vários artigos e aplica-se no sentido de proibido, vedado.

Brasil → **Dispõe o artigo 460 do CPC: “é defeso ao juiz proferir sentença, a favor do autor, de natureza diversa da pedida, bem como condenar o réu em quantidade superior ou em objeto diverso do que lhe foi condenado”.**

[http://trtcons.srv.trt02.gov.br/consulta/votos/turmas/20060912\\_20050071925\\_R.htm](http://trtcons.srv.trt02.gov.br/consulta/votos/turmas/20060912_20050071925_R.htm)

## **EM BOA HORA, EMBORA**

A superstição de que na vida existem horas boas e horas más, acha-se documentada na língua portuguesa, pelo menos desde o séc. XV, originariamente nas locuções **em boa hora, em má hora ou em hora má**, e, a custo de muito uso, foram abreviadas em **embora, aramá, eramá, ieramá**.

Exemplos:

Gomes Eanes de Zurara (1410-1474): **“Que dissesse em boa hora o que lhe aprouvesse”.**

Bernadim Ribeiro (1482? — 1552?): **“Amador, pois que te vás, as boas horas vam contigo, Comigo fiquem as maas...”.**

Gil Vicente (1465 — 1536): **“Paga-lho seu, va-se embora ou ma ora...”.**

Provérbios:

**“Em má hora nasce, quem má fama cobra”.**

**“Em bons dias boas horas”.**

Em Pero da Ponte, trovador do século XIII há o registro de em **forte hora**, como sinônimo de **em má hora**.

Em vista da circunstância que exprimia, portanto era um advérbio, **embora** passou a ser conjunção concessiva, porque se empregava também para “detonar que se concede a possibilidade do fato ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento.”

Gil Vicente → **“Ria embora quem quiser, que e em meu siso estou”.**

Pe. Vieira (1608-1697) **“Mateme embora, contanto que seja imperador”.**

De acordo com Ferreira, **embora** vem de “de em boa hora, com aglutinação” e aparece como advérbio. Compara estes dois exemplos, um do século XVI e outro do séc. XIX.

Gil Vicente → **Paio Vaz se queres gado / dá ó demo essa pastora / paga-lho seu, vá-se embora / ou má hora / ou pôe o teu em recado.**

Machado de Assis (1839- 1908) → **“Tinha vontade de ir embora ou de ficar”**

Aparece, hoje, não raro, com caráter afetivo, Ir **embora** é ir em boa hora: **“Vou embora”.**

Apresenta-se como partícula de realce, ou, em alguns casos, totalmente esvaziada de conteúdo semântico, como neste exemplo:

**Foi embora, e no caminho o mataram.**

Como conjunção, significa ainda que; bem que; se bem que; conquanto:

**Embora confesse que não, o memorialista sempre encontra em trechos históricos (...).**

Ou ainda como nos textos antigos:

Portugal → **Mau tempo: Chuva veio em boa hora para cereais de Inverno**

<http://www.agroportal.pt/x/agronoticias/2008/02/18f.htm>

Brasil → **Recuperação externa do café chega em boa hora**

<http://www.revistacafeicultura.com.br>

## Considerações finais

Segundo Santos (2004), “a abordagem do aspecto semântico-lexical de uma língua natural passa necessariamente pelo estudo dos diferentes modos de apreensão da realidade por parte dos interlocutores, num dado universo cultural”. A todo instante, os membros de uma mesma comunidade lingüística servem-se de léxico para produzir e interpretar os atos da fala.

Uma das preocupações que sempre permeou a pesquisa foi procurar encontrar, em dados históricos, quais as forças sociais que poderiam ter incidido sobre a língua para a formação das variações encontradas. Uma enumeração completa dessas forças excede o alcance desse estudo, mas entre as situações sociais mais importantes que possivelmente influenciaram a linguagem falada na região, figuram as seguintes: a) a formação das comunidades com elementos portugueses, vindos principalmente dos Açores; b) os fatores político-econômico-administrativos: no século XVIII, Santo Antônio de Lisboa alcançou gradativa projeção econômica, pois já contava com uma expressiva indústria, composta por fábricas de açúcar, engenhos de aguardente e de mandioca, fábricas de moer trigo e curtumes de couro. Destacava-se também por ter porto próprio, estrategicamente situado. Aos poucos, Santo Antônio foi substituindo suas atividades agrícolas e artesanais por outras mais ligadas ao comércio. Em decorrência do declínio do porto de Florianópolis e das melhorias nos eixos de ligação terrestre, o porto desta freguesia também decaiu e a comunidade foi gradativamente se adaptando a novas atividades, buscando alternativas para sua sobrevivência; c) o efeito nivelador dos meios de comunicação, incluindo a televisão e principalmente o rádio.

É certo que essas forças sociais interferiram, com maior ou menor intensidade, na modalidade lingüística utilizada pelos moradores da região. A partir desse levantamento, foi possível obter uma visão mais clara da realidade étnica, social, cultural e lingüística e, como Bakhtin (1986: 80-81) afirma, “a nova concepção de se estudar a língua não exclui de seu campo de investigação, o aspecto formal, estrutural da linguagem: apenas o situa na sua integralidade histórica e social”.

**Bibliografia**

- ALMEIDA COELHO, Manoel Joaquim d'. *Memória Histórica da Província de Santa Catarina*. 2a. ed. Desterro: Tip. De J. J. Lopes, 1877.
- BAKHTIN, Mikhail M. /VOLOCHINOV, V.N (1986) “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, 3ª ed. trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Ed. Hucitec. [1977, original].
- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Açorianos e madeirenses em Santa Catarina*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, v. 219, 1953.
- BORGES FORTES, João. *Casais*. Rio de Janeiro: Ed. Centenário Farroupilha, 1932.
- BRITO, Paulo José Miguel de. *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Lisboa: Edição da Academia de Ciências de Lisboa, 1829.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Os Açorianos*. In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.
- CASCAES, F. *Vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: Raimundo Caruso Editora Insular, 1981.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. *Nós não somos de origem*. Tese de Doutorado em História, Área de concentração História Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2006.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.
- HOUAISS, Antônio. *O que é Língua*. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- MATTOS, Jacinto Antônio de. *Colonização do Estado de Santa Catarina: Dados históricos e estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Tipografia d' O Dia, 1917.
- MORAIS SILVA, Antônio de. *Grande dicionário da língua portuguesa* , 2ª ed., Lisboa, 1813, ed. Fotografada pela RLP, sob a direção de Laudelino Freire, Rio de Janeiro, 1922.



- PIAZZA, Walter Fernando. *A Epopéia Açórico-Madeirense*. Co-Edição: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, Florianópolis, 1992.
- SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. melhorada e ampliada. Belém, CNPq/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- SOARES, Doralécio. *Folclore Brasileiro (Santa Catarina)*. Rio de Janeiro, MEC/SEC/FUNARTE, 1979.
- SANTOS, Irenilde Pereira.dos. *Análise do aspecto semântico-lexical em cinco atlas lingüísticos brasileiros*. In: Primeiro Seminário Regional do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB-Rio). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra, Livraria Almedina, 1994.